



GRUPO DE ESTUDOS EM PSICANÁLISE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

SILVA, Débora Costa da¹. GONÇALVES, Isadora Ferretti¹, AZAMBUJA, Natielly Rosa de, CANEDA, Cristiana Rezende Gonçalves².

¹Acadêmicas do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Cachoeira do Sul. debora.costa11@rede.ulbra.br

²Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

RESUMO: No ano de 2020 todos os países do mundo enfrentam uma pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-COV-19. Universidades foram fechadas temporariamente, o método de ensino adotado passou a ser o virtual. Tendo em vista que a educação não pode parar, surge a necessidade de adaptação e superação por parte de professores e alunos. Uma das estratégias utilizadas para manter o vínculo entre estagiários e supervisora durante a pandemia foi a criação de um grupo de estudos psicanalítico de discussão. Uma das vantagens do estudo em grupo é a circulação de ideias, uma vez que todas as contribuições são importantes e a participação de todos é autorizada, já que os diferentes saberes têm importância e não se busca chegar a um consenso ou uma única “verdade”. Partindo destas reflexões, este artigo tem como objetivo relatar a experiência dos encontros realizados. O grupo era composto por estagiários de processos clínicos em psicologia atuantes na abordagem psicanalítica e foram realizados quinze encontros com a frequência semanal com o debate de textos, vídeos e roda de conversa com convidados. Por ter o formato online, foi possível receber convidados de diversas partes do país, inclusive com experiências internacionais, o que não seria possível em outro formato, devido a agenda, deslocamento, custo, entre outros fatores. Tal estratégia, se fez de suma importância e contribuição para a prática clínica, contribuindo para aprofundar o estudo de temáticas fundamentais para a psicanálise. Pode-se perceber com a experiência que as trocas de experiências, opiniões e anseios realizados durante os encontros facilitaram a aprendizagem e deram base para o atendimento clínico, pois ajudaram a associar a teoria com a prática.

Palavras-Chave: grupo, estudos, psicanálise

INTRODUÇÃO

Os grupos psicanalíticos de discussão são caracterizados por Fernandes (2000, apud Emílio, 2010) tem como objetivo possibilitar a discussão entre os participantes e o fazer



circular, de forma horizontal, o saber e a prática de cada membro. Estes grupos são realizados a partir de uma situação disparadora e coordenado de forma a proporcionar a compreensão de fenômenos grupais, potencializando o efeito do grupo sobre os sujeitos e sobre as relações, como um instrumento de transformação e ampliação do conhecimento.

O espaço possibilitado pelos grupos, visa o compartilhamento de experiências e aprendizagem entre pessoas com diferentes vivências e níveis de reconhecimento profissional, como alunos e professores, profissionais de diferentes lugares e idades (EMÍLIO, 2010). Embora todos tenham um objetivo em comum, cada grupo de discussão é único, pois inclusive nos casos em que o encontro é repetido com as mesmas pessoas, as reflexões e entendimentos nunca serão as mesmas (EMÍLIO, 2010).

A experiência do grupo de estudos em psicanálise exige de seus integrantes dedicação, disciplina, investimento de libido, uma vez que não se ensina a psicanálise, se transmite. O efeito é produzido no inconsciente e no desejo de escuta (ALVES, 2016). Uma das vantagens do estudo em grupo é a circulação de ideias, uma vez que todas as contribuições são importantes e a participação de todos é autorizada, já que os diferentes saberes têm importância e não se busca chegar a um consenso ou uma única “verdade”. Pasini (2020) também aponta isso quando fala sobre a troca entre as diferentes culturas, que se torna cada vez mais intensa, na atualidade, em virtude do mundo globalizado em que vivemos e do isolamento social, onde se predispõe uma maior utilização da internet.

No ano de 2020 todos os países do mundo enfrentam uma pandemia causada pelo novo coronavírus, SARS-COV-19, diante disso como medida de proteção foi adotado o isolamento social. Escolas, empresas e universidades foram fechadas temporariamente, o método de ensino adotado passou a ser o virtual.

Tendo em vista que a educação não pode parar, surge a necessidade de adaptação e superação por parte de professores e alunos. Pensando nisso, foi criado um grupo de estudos para enriquecer a prática da clínica escola e manter os vínculos estabelecidos antes da pandemia. Foram abordados temas variados, de acordo com a demanda dos acadêmicos, divididos em quinze encontros, os quais possibilitaram a troca entre colegas e profissionais para além da universidade com convidados de outras cidades e estados. Este trabalho busca apresentar a experiência da participação de estudantes de psicologia em um grupo de estudos



psicanalíticos com temáticas sobre a teoria e prática em psicanálise. Através da metodologia de relato de experiência, com o objetivo de apresentar a experiência de um grupo de estudos em psicanálise, com encontros semanais, mediado pela internet durante a pandemia de covid-19, e suas contribuições para a formação teórica e prática clínica dentro da universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tal estratégia, se fez de suma importância e contribuição para a prática clínica, contribuindo para aprofundar o estudo de temáticas fundamentais para a psicanálise. Através desse instrumento de trocas, aprendemos juntos, a partir dos textos e das contribuições feitas por cada um, ao longo dos encontros.

Nosso grupo de estudos iniciou no mês de junho, com frequência semanal, onde eram abordados textos teóricos, relacionados à prática clínica e decididos em conjunto, condizente com a demanda dos participantes. Desde então, foram realizados estudos teóricos e encontros com a participação de convidados, psicanalistas, que nos ajudavam a desenvolver mais os temas propostos e falavam sobre sua experiência clínica. Neste espaço, todos tinham oportunidade de fala livre, podendo expressar suas ideias, dúvidas, questionamentos, para que a partir destas falas, pudessemos aprofundar os temas e aprender uns com os outros.

A programação dos encontros e escolhas dos temas tendem a ser sempre flexíveis, levando em consideração temáticas que sejam de interesse dos acadêmicos e ao mesmo tempo pertinentes a clínica psicanalítica. Quando necessário, textos que já foram discutidos são retomados para melhor compreensão. Assim várias elaborações puderam ser efetuadas ao longo do percurso. Até o momento tivemos quinze encontros, considerando estudos e lives, onde os de estudos eram fechados para os estagiários de abordagem psicanalítica e as lives, abertas a mais convidados interessados na temática. O grupo se destina aos estagiários da abordagem psicanalítica de processos clínicos em psicologia e demais acadêmicos simpatizantes com o tema.

Durante os encontros, foram realizadas trocas, contribuições, evidenciando o poder de discutir em grupo a psicanálise e como isso auxilia na prática clínica e vivências durante o



período de formação. Neste espaço, relataremos as principais percepções e sentimentos que tivemos ao longo dos encontros acerca dos temas e a vivência em grupo.

No **primeiro** encontro, abordamos os principais conceitos da teoria lacaniana, como signo, significante e significado. Por termos pouco contato com a teoria lacaniana mas interesse e curiosidade de se aprofundar mais, surgiram dúvidas e diferentes compreensões, o que nos fez pesquisar mais artigos e vídeos para continuarmos debatendo esta teoria no próximo encontro.

No **segundo**, continuamos falando sobre a teoria de Lacan, e abordamos também as teorias de Melanie Klein e D. Winnicott. Nestes dois, os encontros tiveram como base vídeo-aulas feitas pela supervisora de estágio, que abordavam como se dava a constituição do sujeito para estas teorias. O intuito era que cada um de nós pudesse conhecer um pouco a respeito de cada teoria e perceber quais faziam mais sentido para cada um nortear sua prática clínica.

No **terceiro**, falamos sobre o capítulo as funções das entrevistas preliminares, escrito por Antônio Quinet em seu livro *As 4+1 condições de análise*, onde ele fala sobre como se dá esse processo de início de análise. Como tínhamos integrantes do grupo que já tinham iniciado suas práticas e outros que não, esse foi um momento importante de troca de experiências, que auxiliou a associar os conceitos teóricos trazidos pelo autor e a prática. Algumas dúvidas sobre a transferência foram suscitadas nesse encontro e decidimos abordá-la no próximo.

No **quarto** encontro, usamos como base para discussão quatro vídeos escolhidos pela supervisora, que abordavam a transferência a partir da ótica freudiana, lacaniana, e também a partir do caso clínico Dora, que aborda alguns manejos da transferência. Discutimos o que era este conceito para cada um de nós, onde cada um trouxe uma visão diferente sobre o mesmo constructo, mas, complementares.

Por se tratar de uma das técnicas mais importantes para a análise, decidimos continuar neste mesmo tema no **quinto** encontro, mas a partir do texto escrito por Freud em 1914, *Recordar, Repetir e Elaborar*, onde discutimos sobre o que é a repetição, como se dá esse processo a partir da transferência, trazendo como que um aspecto importante para entender a transferência é vivendo ela, através do tratamento pessoal, e vendo ela acontecer e se estabelecer na análise dos pacientes. Os participantes que já haviam iniciado sua prática



trouxeram comparações e como viam a transferência, a repetição e a elaboração se estabelecer no tratamento.

Em nosso **sexto** encontro, recebemos uma convidada, psicanalista e vinculada a uma associação, que abordou em sua fala a transferência, tecendo uma ligação com os escritos de Freud e seus casos clínicos. Ela iniciou falando que a transferência se dá, em um primeiro momento pela teoria, depois com o analista e num terceiro momento com os pacientes. Neste encontro, tivemos convidados os quais se interessavam pela temática, que também contribuíram com suas experiências, dúvidas e questionamentos. Um aspecto importante abordado, foi o tempo que a transferência leva para se estabelecer, visto que estávamos com as práticas de estágio interrompidas, onde a convidada trouxe que sempre conseguimos fazer algo por aquele paciente, independentemente do tempo de análise. Também falamos sobre o que é ser psicanalista, o investimento simbólico que é feito de tempo, dinheiro, e vida, por ser um processo que se dá o tempo todo e não se conclui.

No **sétimo** encontro, seguindo nossos estudos teóricos, abordamos o texto Inibição, sintoma e angústia, escrito por Freud durante 1926-1929. Embora, tenha esclarecido bastante acerca da sintomatologia apresentada pelos pacientes ao chegarem para tratamento e também da sociedade, fazendo com que associássemos a prática de estágio, este texto deixou várias dúvidas, que foram sendo esclarecidas pela supervisora, que foi fazendo uma costura com outros conceitos freudianos, para que conseguíssemos entender melhor os que foram abordados nesse texto.

Nosso **oitavo** encontro, contou com a presença de uma psicanalista para falar sobre a clínica psicanalítica com crianças, visto que esta é uma demanda bem pertinente do campo de estágio. Ela abordou questões do desenvolvimento psíquico infantil, associando ao filme divertidamente, sendo um momento permeado por marcas mnêmicas e pela constituição do aparelho psíquico (id, ego e superego), onde mudanças drásticas podem desestruturar o aparelho em alguma medida, levando algumas crianças para tratamento. Também falou sobre o lugar dos pais na análise, que também precisam ser acolhidos e orientados acerca do sintoma.

No **nono** encontro, continuamos falando sobre a infância, mas desta vez nossa outra convidada, psicanalista da infância, abordou sobre a complexidade dos diagnósticos e da



clínica na infância, enfocando nas diferenciações entre autismo e psicose. Ela falou sobre uma pandemia de diagnósticos, onde há cada vez mais crianças vista a partir desses ‘rótulos’, mas que há uma grande confusão. Então, abordou sobre a diferença do diagnóstico psiquiátrico e do metapsicológico- psicanalítico, enfocando no segundo. Este não é feito baseado em cima de sintomas e comportamentos, mas sim, pensando em inúmeras situações, na estrutura psíquica e na subjetividade de cada paciente e como ele se organiza.

No **décimo** encontro, voltamos aos estudos no grupo fechado, e decidimos falar sobre os principais casos clínicos escritos por Freud, iniciando pelo o caso do Pequeno Hans, mediado por uma das integrantes em final de estágio. Ela falou sobre os aspectos que lhe chamaram atenção e abordamos o lugar dos pais da análise, a sexualidade infantil, como um sintoma se elabora e se esconde/transforma ao longo do tempo e como foram feitas as intervenções do pai do menino, orientadas por Freud.

No **décimo primeiro**, dois estagiários mediarão a fala sobre o caso do Homem dos Ratos. Eles selecionaram os pontos que chamaram mais sua atenção ao ler o caso, relacionando com sua prática de estágio e os pacientes desta estrutura que tinha, enfatizando que tinham semelhanças com o caso clínico. Posteriormente foram discutidas questões referentes a neurose obsessiva, os desejos inconscientes, as repetições, os sentimentos polarizados e ao mesmo tempo ambivalentes da neurose do paciente.

No **décimo segundo**, recebemos uma convidada para falar sobre as teias simbólicas construídas pelos contos no setting terapêutico, abordando como as histórias podem ser usadas como forma de acessar o inconsciente dos pacientes, tanto de crianças quanto de adultos.

No **décimo terceiro**, trabalhamos o segundo capítulo do livro “Psicanálise da Criança Teoria e Técnica” de Arminda Aberastury, onde discutimos sobre a entrevista inicial com os pais, o consultório, o material e a primeira hora de jogo.

No **décimo quarto**, contamos com uma convidada que falou sobre a clínica psicanalítica com crianças e o atendimento online. Ela trouxe a importância da transferência com as crianças e com os pais, sendo através desse vetor que o atendimento online é viabilizado e possível. Ao final, contou um pouco da sua experiência e de como se davam



esses atendimentos com seus pacientes, os quais eram das mais variadas formas, onde cada criança conduzia a seu próprio ritmo e jeito.

Por último, no **décimo quinto**, tivemos um sarau das nações e relato de experiência de um convidado que cursou seu mestrado em psicanálise na Argentina. Ele trouxe as diferenças e semelhanças do Brasil e da Argentina, enfatizando como lá a psicanálise é forte e como está inserida na cultura como algo essencial, assim como médicos.

Durantes todos estes encontros, tivemos a possibilidade de aprofundar os estudos de conceitos psicanalíticos, além de escutar diversas experiências de profissionais com muito conhecimento teórico e técnico. Este foi um dos ganhos da virtualidade, a possibilidade de receber profissionais de variadas cidades e instituições psicanalíticas, que fizeram essa vivência ser mais proveitosa e agradável. Outro ponto fundamental, foi a possibilidade de troca de diversas visões acerca do mesmo tema, trazidos por cada integrante do grupo ao longo das discussões. Cada grupo de discussão é único, pois inclusive nos casos em que o encontro é repetido com as mesmas pessoas, a atividade prévia sempre será diferente (EMILIO,2010).

Sendo assim, cada grupo de discussões em psicanálise é singular, onde cada membro contribui para a partir de sua história e transferência com a teoria, tecendo visões diferentes e complementares. Isso fez com que o conhecimento acerca da teoria e técnica psicanalítica fosse aprofundado, nos preparando mais para a prática clínica, sendo fundamental neste momento de pandemia.

CONSIDERAÇÕES

A psicanálise elaborada por Freud e seus seguidores foi uma prática fundada com o objetivo de acessar o inconsciente do sujeito inicialmente por meio da hipnose mas logo abandonada para dar vez a associação livre, a transferência e aos sonhos. Para Freud o saber não poderia ser ensinado, mas transmitido para além do ensino. A transmissão envolve o receptor e aquele que produz, está se dá pela presença da transferência no escutar no que recebe.



No grupo de estudos vivenciado, falamos sobre a transferência em muitos encontros e percebemos ela se mantendo como o principal vetor de transmissão do conhecimento, bem como, pela fala, escuta e subjetividade de cada participante. O grupo de estudo psicanalítico não ocupa a posição de seguir um mestre, mas possibilita que cada um, de maneira singular, seja conduzido a ser mestre do seu inconsciente.

Para os encontros do grupo de estudos exigiu-se dos acadêmicos dedicação, o investimento nas leituras prévias que foram enriquecidas com o debate, a associação livre e as trocas, os quais proporcionaram uma formação mais sólida e atenta a realidade, que somente as disciplinas da faculdade não dariam conta. Além de exercitar a escuta ativa, indispensável no atendimento clínico.

Por ter o formato online, foi possível receber convidados com os mais diversos níveis de conhecimento de diversas partes do país, inclusive com experiências internacionais, o que não seria possível em outro formato, devido a agenda, deslocamento, custo, entre outros fatores. Isso contribuiu muito para a formação acadêmica, uma vez que se pode discutir temas variados e muito pertinentes e atuais, enriquecendo muito a experiência em tempos de isolamento social. Pode-se perceber com a experiência que as trocas de vivências, opiniões e anseios realizados durante os encontros facilitaram a aprendizagem e deram base para o atendimento clínico, pois ajudaram a associar a teoria com a prática.

A transferência e a associação livre, conceitos fundamentais no atendimento psicanalítico, durante os encontros demonstraram na prática o caminho para atingir os conteúdos inconscientes e entender as diversas singularidades de cada um que passar pela nossa clínica. Através da associação livre durante os encontros saímos da posição de meramente alunos ouvintes e partimos da premissa da utilização desta como uma construção conjunta de significantes individuais.

Ao decorrer dos encontros também exercitamos o ato de escutar, e não apenas ouvir o outro, fundamental na atuação do psicólogo que por vezes precisa se colocar no lugar de ouvinte para acolher as angústias dos pacientes. Pois ouvindo fazemos com que o outro fale, e assim, juntamente com ele, construímos uma nova narrativa para sua vida. Ao participar do grupo de estudos movemos nosso desejo em função do conhecimento. Tal conhecimento nos



proporcionou a liberdade de associar, compreender e formular nossas próprias questões e interpretações a respeito da teoria freudiana.



REFERÊNCIAS

ALVES, Fábio Pereira; ALVES, Marina Santiago Ri Fábio Pereira; RIB, Marina Santiago. Transmissão da Psicanálise: a experiência de um grupo de estudos. **Leitura Flutuante. Revista do Centro de Estudos em Semiótica e Psicanálise**. ISSN 2175-7291, v. 8, n. 2, 2016.

EMLIO, Solange Aparecida. O grupo psicanalítico de discussão como dispositivo de aprendizagem e compartilhamento. **Vínculo**, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 35-43, 2010.

PASINI, Carlos. A EDUCAÇÃO HÍBRIDA EM TEMPOS DE PANDEMIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES. **FAPERGS**. Ministério da Educação. Universidade Federal de Santa Maria, 2020.